ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

# Sobre cigarros e sentimentos insensatos

*Luiz Roberto Lins Almeida*[i]
*Universidade Federal de Santa Maria*

Ali estava eu, como quem não entende direito, olhando seus meigos olhos, seu sorriso oblíquo e a interrogação que sua bela face de mulher com pouco mais de vinte anos me fazia.

Eu ainda nu, olhei-a com alguma surpresa, quando estendeu seu corpo magro sobre o meu, repousando seu pequeno seio sobre minha barriga, tocando-me a boca com os lábios, enquanto buscava no criado mudo um maço de cigarros, dos quais tirou um, colocou em minha boca e o acendeu. Ela não fuma e sabe que eu também não fumo, mas, com seu olhar súplice, manteve o cigarro em minha boca.

Sem dizer palavra deixou em meus lábios o cigarro, recostado, acendeu-o com um isqueiro de prata, com o desenho de uma flor-de-lis em detalhe, o fogo entre mim e ela. Como uma sacerdotisa levando a chama aos altares dos mais exigentes deuses, pôs fogo à ponta do cigarro, que passou a queimar lentamente. Senti apenas o crepitar discreto do fumo transformado em cinza, a fumaça vertendo como veneno para meus pulmões.

Seus olhos, nos quais ainda havia resquícios de exaustão e prazer, acompanharam as primeiras baforadas, ela se aninhou a meu pescoço, brincando com a barba mal feita, enquanto seus seios roçavam levemente meu peito. Seus movimentos foram ficando cada vez mais lentos, suaves, até que vi seus pequenos olhos pestanejarem, mas sempre atentos ao rito do fumo. Adormeceu, um sorriso de paz profunda estampado em sua face. Um gozo tranquilo.

Não pude dormir a noite inteira, o gosto amargo do cigarro incomodava, mas não podia me mover, a beleza da moça adormecida me paralisava. Pode ser piegas isso para um literato, mas, para mim, que não estava ali por Literatura ou Arte, mas sim apenas estático pelas curvas puras da Beleza, não me importei em cair no lugar comum e não me movi. Reparei-lhe os pequenos pés, os mesmos pés que beijara algumas horas antes não sem certo frenesi. A perna bem desenhada e pouco ofendida pelos raios do sol. Seios pequenos de bicos róseos, taças onde de sua alma pura pude sorver gemidos. E seus braços! Ah... isso sim me enlouqueceu! O desenho perfeito do dorso de seu braço sobre meus olhos ou lido em braile por meus lábios.

Já era alta madrugada quando ela acordou e veio como um animal sedento a buscar o néctar de fumo e saliva de meus lábios e o fez com tal vontade e desejo que reiniciamos nossa jornada de prazer. Terminamos exaustos. Eu ainda sem muita coragem de perguntar o que havia significado aquele ritual do cigarro durante a noite.

Nos vestimos, ela tinha de ir para à faculdade; eu tinha, bem, de ir trabalhar, não que trabalhar signifique alguma coisa atualmente para mim, mas apenas o reflexo de um hábito adquirido em tempos em que exercia uma profissão da qual me orgulhava. Enquanto ela tomava banho, eu olhei sua penteadeira. Nela, uma foto, um senhor, mais ou menos com a idade que tenho hoje, cigarro deixado entre os lábios, como naqueles filmes antigos, acompanhando uma festa de seis anos, de sua filha: a mulher que nesta noite fora minha companheira.

Não sei quando ela saiu do banho, eu já não estava mais lá. Comprei um maço de Marlboro, deitei-me num parque e fumei-o inteiro.

[i] E-mail do autor: luizrlins@hotmail.com